

sociedade
PJ procura loira suspeita de estar envolvida no rapto do filho de Cintra

PÁGINA 19

regional
Parque Expo anda a despejar destroços na foz do rio Trancão

PÁGINA 26



sociedade
Nobel da Medicina distingue três farmacologistas americanos

PÁGINA 18

negócios
Portugal corre o risco de ficar sem 20 milhões da União Europeia

PÁGINA 33

PACOTE

Corruptores vão ter protecção especial

Medidas anticorrupção com penas reduzidas para denunciante e acesso mais fácil às contas bancárias

António Guterres anunciou ontem à noite quatro medidas para combater a corrupção. Uma delas é «incentivar a colaboração dos corruptos activos», com reduções

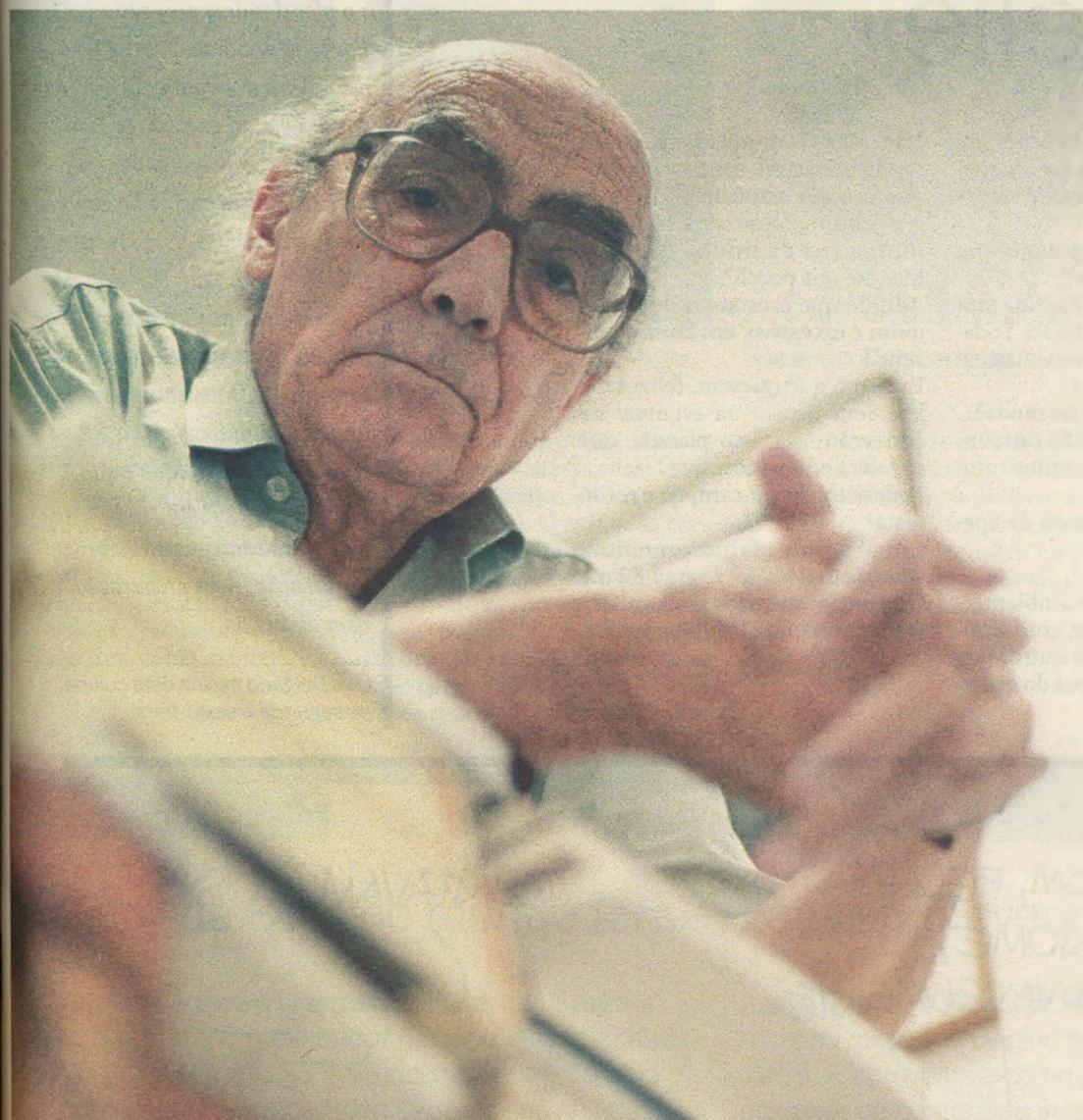
Dinheiro dos partidos com mais controlo

O Governo aprova amanhã uma nova lei de financiamento dos partidos, que limita gastos e aumenta o controlo das contas. **Página 6**

de penas e garantias de protecção especial. Além disso, vão ser criados mecanismos que tornam mais fácil o acesso às contas bancárias. **Página 5**



OBRAS. Guterres anunciou um novo regime para os concursos públicos



«ESTOU NERVOSO». José Saramago chega hoje a Lisboa e vai ser homenageado na Câmara Municipal. Nas vésperas de partir de Lanzarote, o escritor não esconde o nervosismo por este triunfal regresso a Portugal. **MARIA JOÃO CAETANO E PAULO SPRANGER,** em Lanzarote **Páginas 40 e 41**

FORA DA LEI

Empreiteiros fazem queixa ao procurador

Grandes empresas na órbita do Estado fogem aos concursos públicos. PGR já recebeu denúncias

Há grandes empresas na órbita do Estado a não lançarem concursos públicos, a não apresentarem bases de licitação, nem a publicarem resultados. Gás de Lisboa, Metro, Expo e EDP constam da lista de empresas públicas e sociedades anónimas de capitais exclusiva ou maioritariamente públicos que não

se submetem ao regime de empreitadas de obras públicas. A denúncia sobre a actuação da Gás de Lisboa já está na Procuradoria-Geral da República e no provedor de Justiça, num processo enviado pela Associação das Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul. **Página 4**

OBRAS

Cravinho prepara limpeza na JAE

Vice-presidente Donas Botto apresentou demissão com o objectivo de «facilitar as investigações»

O vice-presidente da JAE, Donas Botto, pediu ontem a demissão, na sequência do escândalo desencadeado pelo ex-presidente daquele organismo Garcia dos Santos. Segundo fontes contactadas pelo DN, o nome do vice-presidente terá sido um dos que o general focou na conversa com o procurador-geral da República. Em carta enviada ao presiden-

te da JAE, Donas Botto justificou a sua saída como um acto que pretende evitar constrangimentos nas investigações em curso sobre eventuais irregularidades na empresa. Donas Botto é um dos elementos envolvidos em diversos inquéritos. Esta demissão antecipa uma limpeza que Cravinho prepara para a JAE a curto prazo. **Página 4**

PUBLICIDADE

Saramago: saber renascer



JOSÉ
MEDEIROS
FERREIRA

Fiquei genuinamente satisfeito pela atribuição do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago. Por ele e pela língua portuguesa.

Por ele: embora o personagem não me seja inteiramente simpático, e tenha detestado e combatido a sua passagem pela direcção do *Diário de Notícias*, confesso que há aspectos na vida dele que me suscitam um profundo reconhecimento. Desde logo pela sua afirmação cultural individual: José Saramago nada deve ao sistema escolar português selectivo, elitista e abundantemente estéril como a ditadura do pensamento que o ergueu.

Nem os estudos secundários os completou o Nobel da língua portuguesa. Não foi pois o sistema formal do ensino que lhe suscitou a gramática e a criatividade artística. José Saramago, Prémio Nobel, é uma obra exclusivamente sua.

Esta vitória do ribatejano, precocemente envolvido na cidade de Lisboa e na necessidade de ganhar o pão de cada dia, sobre a fatalidade de uma vida mecânica e da segregação cultural deve-se certamente a um sopro especial do seu espírito, mas sobretudo à vontade de combater a injustiça social.

Seja como for, a criatividade literária e artística de José Saramago não lhe foi facultada ou induzida pelas escolas portuguesas do tempo da ditadura. Numa terra de doutores, ele afirma-se do lado do país para quem a escola não chegou.

Leu muito, é o próprio que revela. Na entrevista publicada no jornal madrileno *ABC* da última sexta-feira — uma entrevista muito interessante —, José Saramago repete por ordem os seus escrito-

res de referência: Gogol, Kafka, Montaigne, Cervantes e o padre António Vieira.

Curiosamente, afasta Fernando Pessoa dos seus monumentos, mas Vieira lá está a explicar o gosto pelo barroco que me retrai.

Percebe-se o apoio estilístico no escritor, que acede à literatura um nada antes da ave de Minerva lhe aparecer no horizonte.

Deriva dessa serôdia colheita artística outro dos motivos da minha admiração pessoal por José Saramago.

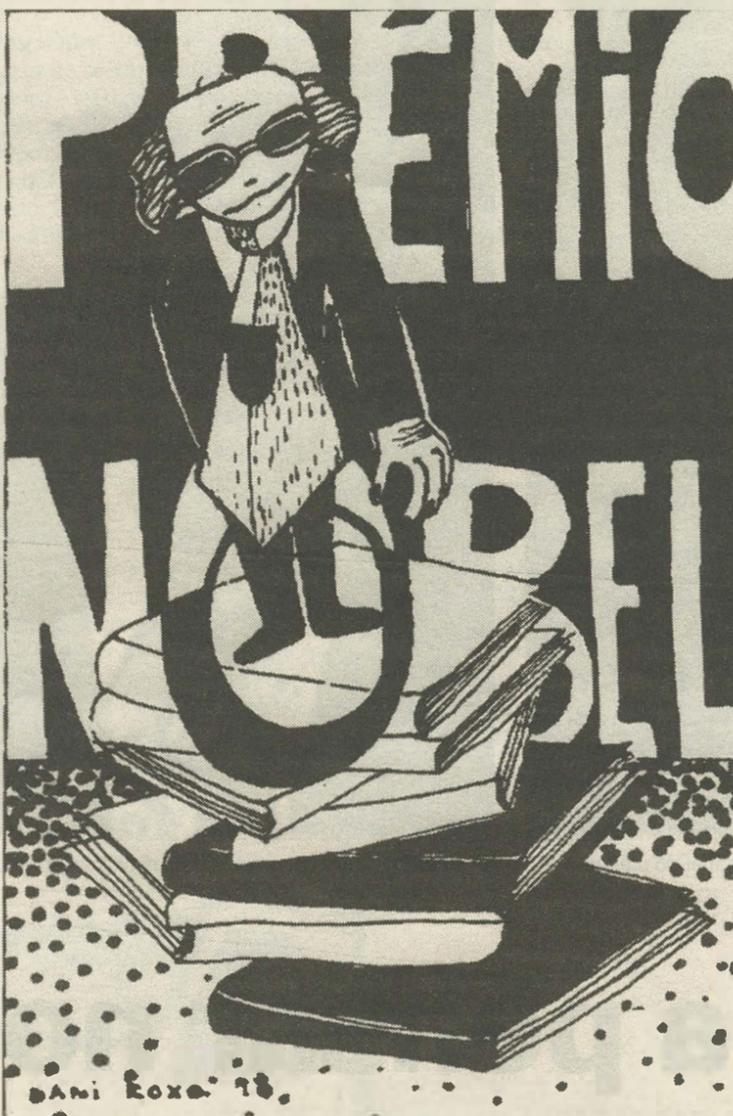
Por acaso das circunstâncias creio ter assistido ao desabrochar de Saramago como grande escritor no início dos anos 80.

Nesses anos de «refluxo revolucionário» ou de «normalização democrática», conforme as perspectivas, passávamos grande parte das nossas férias de Verão na Arrábida, na Estalagem de Santa Maria, entregues à qualidade de vida e aos cuidados de Sérgio Gama e de toda a família.

O paraíso na sua eternidade ter-se-á modelado naqueles instantes.

Na ampla esplanada, os conhecedores escolhiam os seus lugares. Recatado, José Saramago trabalhava, e só o podia fazer até à meia-noite, hora certa para Sérgio Gama mandar todos para a cama ao desligar o motor que fornecia a energia eléctrica. Mais expansiva (ou mais crente), Isabel da Nóbrega descobre-nos o segredo: o ex-director do *Diário de Notícias* aceitara uma encomenda do Circulo de Leitores para escrever um livro sobre as diferentes regiões de Portugal e estava então a terminá-lo. Isabel da Nóbrega afiançava-nos (a mim e a Maria Emília) que o José está a amadurecer e que as letras portuguesas se irão enriquecer.

Fiquei sensibilizado. Uma mulher verdadeiramente culta é por excelência uma anunciadora. Olhei de longe para Saramago e vi um homem que queria renascer de outra maneira na república. E de facto os anos 80 vão revelar aos portugueses um escritor pujante, trabalhador e original, que há-de conseguir o primeiro Nobel da Literatura para a língua portuguesa. Contra muitos, dentro e fora do



País. Saramago é um insubmisso aos poderes constituídos. Ele personifica o esforço do indivíduo para se manter livre numa sociedade adversa.

Como escrevi no início deste artigo, fiquei satisfeito por ele e pela língua portuguesa. Por ele algo mais haveria a dizer e muito será ainda dito por outros. Pela língua portuguesa que levou cem anos para alcançar este reconhecimento internacional.

Recordo as más memórias das correntes pró e contra Aquilino Ribeiro, pró e contra Miguel Torga num país ainda provinciano e desconhecido do que o mundo pensava dele. Depois as probabilidades de um Nobel deslocaram-se para a literatura brasileira, e de novo para a nossa.

Há males que vêm por bem: o

atraso na atribuição do Nobel da Literatura permitiu que este chegasse quando a língua portuguesa mais dele precisava para a sua afirmação como língua internacional.

É verdade que a língua portuguesa é falada por cerca de 200 milhões de pessoas, mas é falada para dentro desse universo, sendo a sua saliência exterior quase nula.

O Brasil é a matriz dessa atitude: a língua portuguesa é um factor de comunicação e coesão internas sem que as elites brasileiras a promovam como língua internacional. O mesmo se passa nos países africanos, embora com a particularidade de a língua portuguesa ser uma das línguas oficiais da OUA.

O Estado português acaba as-

sim por ser o mais interessado no reforço da sua língua oficial como língua internacional, e desde logo na Europa, onde está deveras ameaçada. E é bom aproveitar estes momentos de euforia nacional para alertar os mais distraídos sobre os perigos que se avizinhavam nesta matéria.

É verdade que o Prémio Nobel da Paz já agraciou duas personalidades que falam português, como Ximenes Belo e Ramos-Horta. Porém, agora, o da literatura pode afirmar a nossa língua no século XXI, como João de Barros e Camões contribuíram para que ela se não perdesse entre os séculos XVI e XVII.

José Medeiros Ferreira assina esta coluna quinzenalmente à terça-feira

CRÓNICA

Vendedores



NUNO
HENRIQUE
LUZ

Foi com «serenidade», vi na televisão, que José Saramago recebeu a notícia de que vai receber um prémio Nobel. Eu, foi com fascínio que o encontrei tão sabedor do que é e para que serve hoje um ecrã de televisão.

Em escutando a sua tentadora proposta de que estava «sereno», vi que também para ele o televisor é agora escarpate, banquinha.

No caso, onde se mercadejava «serenidade».

Nada de novo, aliás. O erro comum está em considerar que só os anúncios vendem coisas e que o resto da programação se mantém à margem da cerimónia mercantil.

Isto é uma consoladora falácia. Quem aparece na televisão, seja em que postura (palavra feíssima, eu sei) fôr, aparece para vender qualquer coisa — a sua imagem, a sua arte, o seu génio, o seu visual, a sua injustiça, a sua ideologia, a sua vaidade, o seu profissionalismo, inclusive a sua estupidez ou a sua polifacetada incapacidade.

As pessoas colocam-se diante das câmaras, convenientemente maquilhadas, penteadas e vestidas, para vender os seus tarefas aos que estão do outro lado do ecrã (eu sei do que estou a falar).

Pouco importa que sejam mercadorias artísticas ou deturpadas, que ofereçam preciosidades do espírito ou carne de supermercado. O televisor é um escarpate, e tudo o que os escarpates exibem, sem excepção conhecida, pertence ao grémio dos vendedores.

Ou, dizendo de outra maneira: nunca vi, num ecrã televisivo, um comprador. Esta é uma figura ainda inédita na televisão. Porque sempre que aparece um comprador enganado ou um consumidor ofendido, o homem está a vender-nos a sua denúncia.

(Embora não falando nem num nem noutro dos papéis, Saramago sempre disse na RTP: «Ah, se a inveja pudesse falar...»)

E ainda outro pormenor, que podemos colocar juntamente com aquele do escritor que, cúmulo do ex-

tismo do artista, continua a declarar-se comunista.

Não é tanto o grande escarpate televisivo ser um instrumento-chave na sociedade de consumo — é antes que a televisão foi o motor dessa mutação industrial que nos fez passar de uma economia de produção a uma economia de consumo.

Isto é: aquilo que tentaram fazer Gorbachov e os seus amigos de Leste com a *perestroika* — a passagem do comunismo ao consumismo.

Foi bom ver que, desinibido pelo Nobel, e apesar da retórica extravagante, também Saramago começa a dar sinais implícitos de adaptação aos tempos.

Nuno Henrique Luz assina esta coluna quinzenalmente à terça-feira

Foi com «serenidade», vi na televisão, que Saramago recebeu a notícia de que vai receber um prémio Nobel. Eu, foi com fascínio que o encontrei tão sabedor do que é e para que serve um ecrã de TV. Em escutando a sua tentadora proposta de que estava «sereno», vi que também para ele o televisor é escarpate, banquinha

MC

BN

BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA CULTURA
BIBLIOTECA NACIONAL

HOMENAGEM DA CULTURA PORTUGUESA

A
José Saramago

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA 1998

“DIFÍCILIMO ACTO
É O DE ESCREVER,
RESPONSABILIDADE
DAS MAIORES...”*José Saramago*

Por iniciativa do Ministério da Cultura e organizada pela Biblioteca Nacional, realiza-se amanhã, quarta-feira, dia 14, pelas 19 horas, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, uma homenagem da cultura portuguesa a José Saramago, por ocasião da atribuição ao escritor do Prémio Nobel da Literatura.

A cerimónia será presidida por S. Ex.^a o Senhor Primeiro-Ministro, Eng. António Guterres, e será aberta ao público.

Escritor em encontro sexta-feira no Porto

José Saramago participa sexta-feira, no Porto, no Encontro das Literaturas Ibero-Americanas que até sábado reúne escritores e intelectuais de Portugal, Espanha, Argentina, Brasil, Cuba, Peru e Venezuela. Saramago

vai estar também, no dia 19, em Vigo, na companhia de Agustina Bessa-Luís e da brasileira Nelida Piñon, entre outros, num debate intitulado «Literaturas ibero-americanas: espaços de convergência».



Artes & multimedia

NOBEL DA LITERATURA

Seja bem-vindo a Portugal

Depoimentos de vários intelectuais sobre o regresso de José Saramago à Lisboa de «O Ano da Morte de Ricardo Reis»

■ José Saramago regressa hoje a Portugal, ele que nunca o deixou. Regressa, senhor da sua obra, com o Nobel da Literatura na bagagem. Desta vinda, do cidadão português ou do cidadão do mundo, aqui falam nomes prestigiados das Letras. Homens e mulheres. Como que em jeito de boas-vindas...

Baptista-Bastos

«Saramago é um grande escritor. Escreveu como poucos sobre Lisboa, as pessoas de Lisboa, os seus bairros. É preciso não esquecer a Lisboa que ele escreveu, a Lisboa reinventada n'«O Ano da Morte de Ricardo Reis».

Penso que a homenagem que a Câmara Municipal de Lisboa vai prestar a José Saramago resgata as hostilidades praticadas durante o consulado cavaquista. Os cartazes que, poucas horas depois do conhecimento da atribuição do prémio, foram postos em toda a cidade são um mérito da câmara, do Presidente João Soares e do pelouro da Cultura.

Parabéns, José Saramago!»

Agustina Bessa-Luís

«Não me queria pronunciar muito, porque me estou a reservar para a Cimeira Ibero-Americana, mas gostaria que fosse um regresso definitivo, tal como todos os seus concidadãos de boa vontade. Este é o desejo de quem estima Saramago e gostaria de o ver como um cidadão português, e não um cidadão repartido.»

Armando Silva Carvalho

«Estou muito satisfeito por Saramago ter ganhado o prémio, porque ele é simultaneamente um estilista e um homem da ética, coisa pouco relevante nos tempos que vão correndo e daí as pequenas erupções que o prémio provocou nalgumas zonas...

Conheci Saramago há muito tempo e admiro a sua inteireza de carácter, coisa que para muitos pode passar por rigidez de comportamento.

A homenagem a José Sarama-



CHEGADA. José Saramago, de estilista e homem de ética a cronista de um mundo angustiado de fim de século

go (ao que parece, pós-Espanha...) é muito mais do que merecida.»

Mário Cláudio

«Não vejo um significado especial neste regresso. É uma vinda a Portugal como outra qualquer. Estive com ele em Frankfurt; acho que ele precisa de descansar. Mas, obviamente, fiquei muito satisfeito com o prémio, como afirmei na altura. O prémio, sim, teve um significado especial. O José Saramago é sempre um português de excepção, vindo ou não cá. Admito que este regresso possa dinamizar algumas pessoas e estimular alguma curiosidade.»

Maria Velho da Costa

«Recebi a notícia com muita alegria. A primeira reacção foi infantil e espontânea, porque é uma pessoa por quem tenho muita estima e respeito, por termos passado juntos por experiências políticas e profissionais. A segunda

reacção foi mais elaborada: só lhe posso desejar a continuação de felicidades, que ele mereceu após tantos anos de dificuldades na vida.

Acho justíssima a homenagem da câmara municipal, porque, embora seja um homem que não tenha nascido em Lisboa, considero-o um lisboeta de direito. Vindo de mim, isso é um elo-

gio, porque nasci em Lisboa.»

Lídia Jorge

«José Saramago nunca saiu. Não concordo com a ideia de expatriação, como ele próprio sublinha. Regressa como regressa muitas vezes, agora diferente, porque acumula uma honra, algo que não é comum a todos nós. Mas creio que ele nunca saiu de

Homenagens hoje e amanhã em Lisboa

José Saramago chega esta tarde a Lisboa, a bordo de um avião fretado pela Câmara Municipal da capital e acompanhado pelo presidente da autarquia, João Soares. Pelas 18 horas, receberá as chaves da cidade, numa cerimónia aberta ao público a realizar nos Paços do Concelho, e que constituirá uma homenagem «da cidade e do povo» ao «ilustre escritor,

homem de letras e cidadão empenhado». O autor deverá ainda participar numa conferência de imprensa organizada pela Editorial Caminho. Amanhã, às 19 horas, no Grande Auditório do CCB, realizar-se-á uma «homenagem da cultura portuguesa» a Saramago, aberta ao público e presidida pelo primeiro-ministro, António Guterres.

Portugal verdadeiramente.»

António Paulouro

«Saramago foi cronista do *Journal do Fundão*, em 1971-72. Nessa altura, era pouco conhecido. Tinha muita gente contra ele, pela sua filiação política, mas escreveu sempre muito bem. Tenho uma grande honra de ter tido José Saramago como colaborador efectivo neste jornal.

A homenagem é inteiramente justa. Se não dermos valor aos que o têm e merecem, a quem o iremos dar? José Saramago é uma figura mundial e todos ganhamos com isso.»

Jorge Marmelo

«Como leitor de Saramago há muitos anos, acho que mereceu inteiramente o prémio, até porque nunca me pareceu que fosse inferior aos outros laureados anteriores. Este regresso, embora não definitivo, representará uma justa homenagem ao escritor.»

Urbano Tavares Rodrigues

«José Saramago, ao receber o Nobel, veio projectar a literatura portuguesa no primeiro plano da atenção mundial. Ele próprio teve a elegância de afirmar que outros escritores portugueses poderiam ter recebido este galardão. É não só um escritor de grande talento e originalidade mas um homem consciente, generoso e lúcido. E essas qualidades contribuem para a amplitude dos romances tão bem estruturados e densos de interrogações e de sondagens da alma humana e do mundo complexo e angustiado deste fim de século. Saramago é um ficcionista com ideias por vezes geniais. Além disso, encontrou uma linguagem muito pessoal: longos parágrafos, só na aparência emaranhados, em que convivem a narração, a descrição, o diálogo, o discurso interior e onde conversa com os leitores, ironiza e desconstrói a fábula. Esse piscar de olho ao narratório contribui para que os seus romances sejam também crónicas de um tipo novo.»

COMENTÁRIO

Uma mão-cheia de bênçãos bem vermelhas para o português José Saramago



ANTÓNIO REGO CHAVES

Foi uma frustração. Já sabíamos quanto este país é atarracado de nascença, manco no cálculo das dívidas contraídas para com os seus grandes homens, incapaz de um golpe de asa que o liberte dos preconceitos instituídos por uma das mais analfabetas burguesias do mundo. Quando escrevemos «este país» referimo-nos apenas à sua face mais visível, que é a da maioria dos políticos de destaque, dos

jornalistas instalados na ribalta da opinião, dos intelectuais equilibrados em bicos dos pés à espera que lhes perguntem o que pensam. O país que se faz ouvir, uma burocracia sem alma, nem generosidade, nem coração. Os outros, os ignorados, como sabeis, foram publicamente banidos para a caverna do silêncio onde se chora, mas às vezes de alegria. Creio que isso sucedeu quando vos foi atribuído o Nobel. Houve, senhor, quem chorasse de alegria. E isso não foi, decerto, o menos.

É claro que também surgiu logo quem se aproveitasse do nosso tradicional nanismo, mesmo aqui ao lado, para vos proclamar escritor «ibérico» e escrever com todas as letras a redonda mentira

de que um dos vossos livros, o mais polémico, tinha sido proibido em Portugal. Vós nunca o permitiríeis e nós espero que também não, honra nos seja. Certo que sois ibérico, mas não mais do que europeu ou terráqueo – e sem dúvida muito menos do que cidadão honorário de Lisboa, pois subistes e descestes mil vezes «estas trinta ruas entre o Cais do Sodré e São Pedro de Alcântara, entre o Rossio e o Calhariz». E quem conhece mesmo por dentro a Rua do Alecrim, o Hotel Bragança e o seu misterioso hóspede Ricardo Reis senão os que habitámos ou habitamos nesta cidade que é a vossa?

Por favor, não perca essa bendita e atlética elegância com que expulsastes os vendilhões do

templo e reduzistes o Vaticano à sua insignificância moral, evocando Galileu Galilei e sobretudo não deixando esquecer Giordano Bruno, esse sim queimado na fogueira pelo Santo Ofício por ter cometido o nefando crime de entender a lição de Copérnico. Deixai-nos viver este final de 1998 com o indisfarçável orgulho de termos nascido no mesmo país onde nascestes. Enfim, vós sabeis que sois hoje a nossa voz, o nosso Camus, e o vosso discurso da Suécia, em Dezembro, será, como o dele em 1957, um sinal dos tempos realmente vividos em fraternidade – que são agora outros, mas ainda mais cruéis. Vós explicareis porquê – e não haverá réplica honrada possível, neste século, ao que disserdes.

Sabemos que a ternura não se compra e que Espanha vos deu, desde há anos e nos últimos dias, aquela que aqui e sempre – mesmo no dia em que foi sabido que pela primeira vez um escritor desta terra tinha sido distinguido com o Nobel – vos foi regateada. É tarde para vos pedirmos desculpa em nome de Portugal e dos portugueses; mas talvez ainda não seja de todo extemporâneo e indigno oferecer-vos, na hora em que mais uma vez nos revisitais, uma mão-cheia de bênçãos bem vermelhas, o que poderá ser a nossa forma mais sentida de desejar a vida eterna aos que nos são mais queridos e aos seus ideais de solidariedade. Aceitá-las-eis, será que podereis aceitá-las sem rancor nem amargura, José Saramago?

PRÉMIO NOBEL

«Talvez reaja como as crianças»

chegada esta tarde a Lisboa, o escritor vai ver «se consegue cumprir aquela regra de que os homens não choram» e espera «portar-se bem»

MARIA JOÃO CAETANO

Em Lanzarote

«Espero portar-me bem.» José Saramago sabe que vai ser difícil esconder a emoção quando hoje finalmente aterrará em Lisboa depois do anúncio do Prémio Nobel de Literatura.

Não sabe se vai conseguir manter aquele ar sério, «carrancudo», como lhe costumam chamar. «Vamos lá ver se consigo cumprir aquela regra de que os homens não choram», diz Saramago. «Talvez reaja como as crianças, com risos ou com lágrimas. Mas, não, espero portar-me bem.»

A verdade é que o escritor não está sempre sério. Sorri. Ri-se com vontade. «Mas só me rio quando tenho motivos, quando isso me apetece mesmo. Não con-

sigo rir-me para uma máquina fotográfica», explica Saramago. Por isso nas fotografias aparece tão sério, mesmo quando está feliz, como agora.

Em Portugal, sabe que não houve só boas reacções ao Prémio Nobel (ou «Nobél», como diz José Saramago seguindo a fonética sueca).

Houve quem confundisse a grandeza do prémio com o comprometimento político do escritor. Mas disso Saramago prefere não falar. «A inveja é o sentimento mais mesquinho que existe», diz. «Não devemos perder tempo a falar de sentimentos maus, falemos antes dos bons sentimentos», frisa o autor.

É para falar de coisas boas que o escritor vai estar em Lisboa e depois no Porto, onde, tal como já estava combinado antes, vai parti-

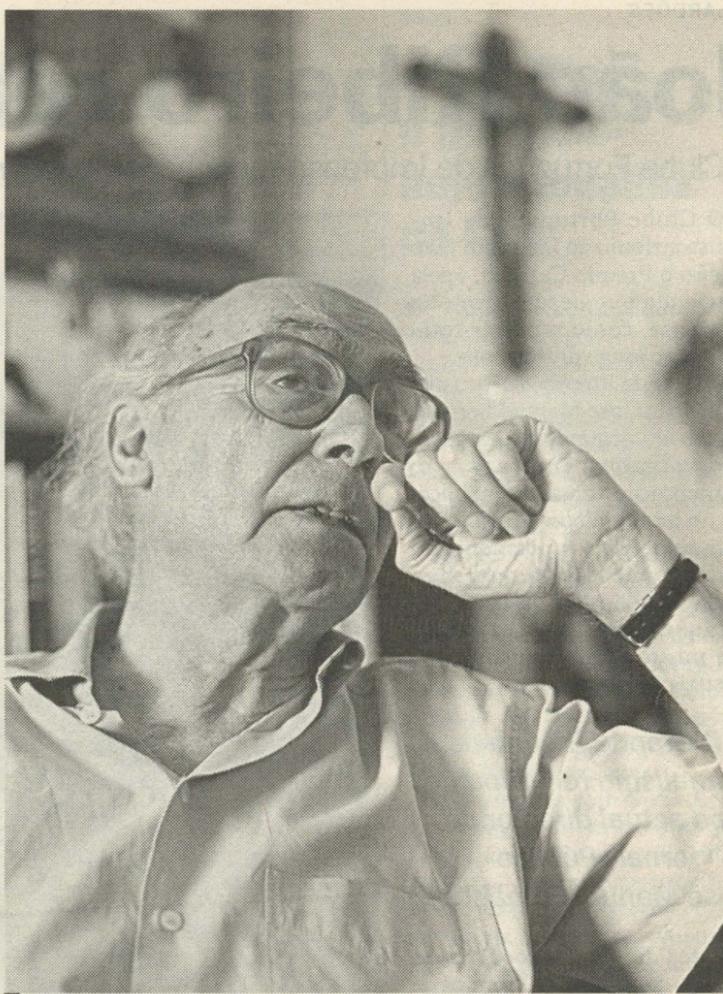
cipar num encontro de escritores ibero-americanos (ver página ao lado). «Porque os escritores não fazem cimeiras, encontram-se para falar.»

E mesmo cansado de toda esta agitação, José Saramago continua a ter tempo para alegorias.

A Academia Sueca pediu-lhe para colocar uma passagem do *Memorial do Convento* na Internet, precisamente a parte em que a passarola voa.

«O padre jesuíta é um quanto tresloucado, mas a lição a tirar é que, se tivermos paciência, acabamos por encontrar o ponto que une todas as coisas», diz o escritor.

O tal padre conseguiu-o, como diz Saramago. Tal como ele. «E agora a passarola está mesmo a voar por todo o mundo, através da rede.»



INVEJA. «Não devemos perder tempo a falar de sentimentos maus»

Descobrir um escritor entre a sesta e o refogado

Dono de restaurante e cozinheiro em Lanzarote é casado com a revisora de Saramago e é leitor e admirador do Nobel

M. J. C.

Simon leu todos os livros de José Saramago. «Todos, não. Não li a *História do Cerco de Lisboa* nem o *Manual de Pintura e Caligrafia*», corrige Simon, cozinheiro e dono do Restaurante Galdós, em Arrecife, Lanzarote.

De qualquer forma, ele é um leitor notável. Leu romances e comprou mexilhões, descobriu Bliumunda e Baltasar no intervalo da sesta, entre a louça lavada do almoço e os refogados feitos para o jantar.

«Bem, tenho que confessar», explica Simon. «Tenho todos os livros de José porque a minha mulher trabalha com ele, na Alfaguara» (a editora de Saramago em Espanha).

Pepa, assim se chama a mulher de Simon, é a pessoa que revê as traduções das obras de Saramago e que assegura que as palavras portuguesas do escritor mantêm o seu sentido na versão castelhana. Ajuda Pilar nas traduções e, muitas vezes, pede ajuda à sua família no seu trabalho.

Foi assim, ditando romances

enquanto Pepa escrevia no computador, que Simon e seus filhos tomaram contacto com a obra de Saramago.

Depois de conhecer a escrita, encontrou o homem. «É uma pessoa extraordinária», conta Simon. «José é muito simples, muito humilde. Trata-me muito bem e eu sou apenas um cozinheiro.»

Apenas. O cozinheiro que José Saramago, Pilar del Rio e os seus amigos escolheram no dia em que celebraram o facto de o escritor ser considerado como «filho adoptivo» de Lanzarote.

«Apareceram aí umas 20 pessoas», lembra Simon. «Eu fechei logo a porta e fiquei nervosíssimo, porque não tinha vinho suficiente, não tinha camarões, mas ele, como sempre, disse que estava tudo muito bem.»

Nesse dia, Simon tirou fotografias com o escritor e, no dia em que foi anunciado o Nobel, não hesitou em fazer ampliações e colocar uma mensagem de felicitações no balcão do restaurante. Para que todos saibam: «Enhorabuena, Nobel da Literatura para José Saramago» e a sua imagem,

de longo avental branco, ao lado do escritor. Simon leu quase todos os livros de José Saramago, mas sabe que receber um Nobel não é sinónimo de ser lido. «Aqui mesmo, em Lanzarote, há pessoas que conhecem José e nunca leram nada dele», reconhece.

E acrescenta: «Até mesmo a nossa ministra da Cultura. Um dia, perguntaram-lhe o que achava de Saramago. Sabe o que respondeu?» «Não.» «Sara Mago? Gosto muito dessa bailarina.»

Provavelmente, hoje a resposta seria bem diferente.

Finalmente a Escola Secundária José Saramago

Polémica sobre o nome foi resolvida pelo Nobel

A atribuição do Prémio Nobel a José Saramago levou a Escola Secundária de Mafra a conquistar, mais cedo do que o previsto, atendendo a que o assunto andava envolto em polémica —, o nome de Escola Secundária José Saramago.

A decisão foi tomada pelo Ministério da Educação logo que foi conhecido o vencedor do Nobel de Literatura, cortando cerce o jogo do empurra entre as partes envolvidas, em relação ao novo baptismo daquele estabelecimento de ensino vizinho do cenário do romance *Memorial do Convento*.

Em comunicado de imprensa, o ministério de Marçal Grilo diz nomeadamente: «Pela mão de Saramago, esperamos ver terminada uma certa cegueira em relação à literatura de língua portuguesa, para que ela ocupe, no mundo, o lugar que é seu. Esperamos que sob os holofotes que agora a iluminam possam ser reparadas injustiças para com Vitorino Nemésio, Miguel Torga, Jorge de Sena, Vergílio Ferreira, ou, no Brasil, Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa, só para citar alguns dos grandes nomes desaparecidos nas últimas décadas.»

HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL

DIRIGIDA E REDIGIDA POR ALGUNS DOS MAIS PRESTIGIOSOS HISTORIADORES DA ARTE PORTUGUESA

14 volumes
2500 páginas
3000 ilustrações a cores

HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL, sendo dirigida ao grande público, pela clareza da linguagem utilizada e pela espectacularidade das ilustrações, é, ao mesmo tempo, uma obra que, pelo elevado nível dos seus colaboradores, vem preencher uma importante lacuna no panorama cultural português.

Do Paleolítico à arte visigótica * Arte da Alta Idade Média * O românico * O gótico * O manuelino * O renascimento * O maneirismo * O limiar do barroco * Do barroco ao rococó * Neoclassicismo e romantismo * Do romantismo ao fim século * Pioneiros da modernidade * De 1945 à actualidade * A arquitectura moderna * Volume complementar O AZULEJO EM PORTUGAL.

SEM QUALQUER COMPROMISSO SOLICITE INFORMAÇÕES SOBRE CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PUBLICAÇÕES alfa, SA

Av. António Augusto de Aguiar, 150-5.º Esq.
1050 LISBOA

Telef.: 387 47 60 Fax: 387 89 81

LIVRARIA alfa

Av. António Augusto de Aguiar, 150-A
1050 LISBOA

Telef.: 387 62 36 Fax: 387 89 81

Diário de Notícias

DELEGAÇÃO DE LEIRIA

Estamos na:

Av. D. João III - Edifício 2002
Entrada A - 3.º Andar - Porta 3

2410 LEIRIA

Telef.: (044) 81 20 60/1 - Fax: (044) 831 951

Quanto é que você dava
para falar agora com
os seus amigos?

TELECEL

Ligue (0931) 12 75 e conheça
as novas tarifas Telecel.